

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - DFCS

ANDERSON ALVES DA SILVA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO LIMIAR CONTEMPORÂNEO
O filósofo enquanto professor de Filosofia

Campina Grande - PB
2014

ANDERSON ALVES DA SILVA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO LIMIAR CONTEMPORÂNEO
O filósofo enquanto professor de Filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção
do grau de Graduado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

Campina Grande - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Anderson Alves da
O ensino de filosofia no limiar contemporâneo [manuscrito] :
o filósofo enquanto professor de filosofia / Anderson Alves da
Silva. - 2014.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho,
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Ensino de Filosofia 3. Educação 4. Ensino
Médio 5. Crítica Filosófica I. Título.

21. ed. CDD 100

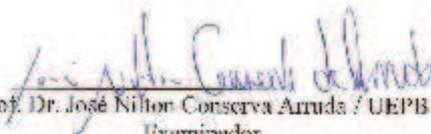
ANDERSON ALVES DA SILVA

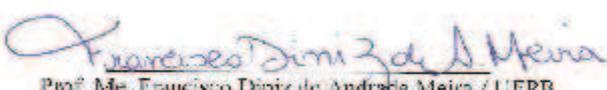
**O ensino de filosofia no limiar contemporâneo. O filósofo
enquanto professor de filosofia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia

Aprovado em 29/10/2014.


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Nilton Conserva Arruda / UEPB
Examinador


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Examinador

RESUMO

A busca de resultados imediatistas não permite o espaço necessário para o pensar crítico capaz de fomentar competências básicas destinadas à construção da autonomia do educando, mediante as suas relações sociais, educacionais e profissionais. Contudo, com o retorno do ensino da Filosofia no Brasil, inicialmente, como tema transversal apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999 e a partir de 2009, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Lei nº 9.394/95, a filosofia torna-se uma disciplina obrigatória no currículo do ensino médio em todo o país, portanto, a responsabilidade dos educadores a aplicá-la de maneira significativa, no processo de ensino e aprendizagem. A presença e aplicabilidade dessa nova disciplina ao currículo escolar, no ensino médio, devem expressar uma autonomia crítica a partir de seus conteúdos e não torná-la um mero reprodutor de atividades. Diante disso, este artigo apresenta o seguinte problema central de discussão: como inserir o ensino da filosofia numa proposta de educação crítica que articule os conteúdos do ensino médio com os saberes filosóficos dentro de uma perspectiva dialética e dialógica que contribua para uma transformação social? O objetivo geral deste estudo é apresentar uma concepção de ensino de Filosofia que associe os conteúdos do ensino médio a reflexão crítica filosófica, tanto na escola quanto fora dela. Os objetivos específicos são: perceber as concepções pedagógicas que norteiam o ensino da filosofia, demonstradas a partir de vários conceitos a respeito da questão de se ensinar Filosofia e sua importância, como ferramenta capaz de maturar os discentes no exercício do seu convívio social e profissional. A metodologia utilizada deu-se em torno de um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa que utilizou a pesquisa bibliográfica como fonte de dados. O presente estudo defende que o ensino da filosofia se caracteriza como um elemento necessário capaz de proporcionar uma inter-relação com as demais áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Filosofia. Transformação Social. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A necessidade da inserção do ensino da Filosofia no Ensino médio de forma obrigatória aponta para a necessidade da dialogicidade, no sentido da formação do educando, tornando-o um ser crítico e plenamente preparado para interagir de forma complexa na sociedade. Não cabe pensar que a filosofia busca somente formar um ser ético e crítico, pois ela busca competências que fundamentam o convívio humano nas mais diversas realidades apresentadas pela sociedade contemporânea.

Desta forma, fica evidente que a contribuição da filosofia no ensino médio, associada aos demais conhecimentos propostos pelo currículo escolar, capaz de fundamentar a compreensão das mais diversas realidades apresentadas aos indivíduos, assim como, irá orientá-los no desenvolvimento crítico necessário para exercer sua autonomia em condições de interagir e transformar os atores sociais, mesmo considerando os desafios a eles apresentados. Todavia, se faz necessário para a aplicação dos conhecimentos filosóficos na prática do cotidiano, profissionais formados e capacitados na área de conhecimento que possuam fundamentação teórica necessária, além de metodologia adequada para que os educandos percebam o poder transformador da filosofia.

O artigo apresenta uma discussão sobre o ensino da filosofia no ensino médio enquanto prática transformadora a partir do questionamento: como inserir o ensino da filosofia numa proposta de educação crítica que articule os conteúdos do ensino médio com os saberes filosóficos dentro de uma perspectiva dialética e dialógica que contribua para uma transformação social? O objetivo geral deste estudo foi apresentar uma concepção de ensino de Filosofia que associe os conteúdos do ensino médio à reflexão crítica filosófica. Os objetivos específicos se estabelecem no sentido de perceber as concepções pedagógicas que norteiam o ensino da filosofia, demonstrar a partir de vários conceitos a questão de se ensinar Filosofia e sua importância, como ferramenta capaz de maturar os discentes, no exercício do seu convívio social e profissional. O estudo justifica-se diante da necessidade da aplicação do ensino da filosofia, não como disciplina conteudista, mas como um elemento necessário capaz de proporcionar uma inter-relação com as demais áreas do conhecimento e que aponta o exercício do filosofar associado às diversas realidades vividas pelos educandos através de diálogos abertos que devem ser provocados pelo lúdico, pois a “visão educacional que adotamos compreende um aspecto transformador, uma vez que exige uma postura crítica por parte do professor de forma a promover a reflexão”. (PERRENOUD, 2008, p. 170)

A metodologia utilizada neste artigo foi um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa, que utilizou a pesquisa bibliográfica como fonte de dados. Desta forma, o referido artigo apresenta-se para discutir e analisar a importância da filosofia no ensino médio, assim como sua relação com as demais áreas do saber, pois, pensar em uma educação filosófica que não discuta, proponha e questione o ambiente familiar, social, educacional e profissional é pensar em um ensino de filosofia duvidoso.

A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA

Em junho de 2008, pela Lei 11.684/08, se torna obrigatório o ensino de filosofia em todas as escolas do Brasil, no ensino médio, com o prazo de três anos para efetivação e inserção. Porém, podemos perceber em pauta que o grande enfoque da Filosofia está em porque e para que estudá-la? Os estudantes de hoje se detêm a conhecimentos prontos e exatos, à medida que o componente curricular diz respeito a um conhecimento, no qual o indivíduo venha pensar por si só, levando em consideração a escrita, enquanto um ato reflexivo.

Hoje, o Brasil vive este desafio de restaurar, nas escolas, o currículo da Filosofia, que passa a ser obrigatório. A importância da Filosofia para o currículo está justamente em oferecer a possibilidade de equilíbrio, que seria absolutamente necessária, entre a potencialidade do conhecimento científico filosófico e artístico. Penso, no entanto, que o currículo deve estar voltado para uma formação além de integral com abrangência a atender as três áreas.

Consoante afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio (BRASIL, 2002, p. 346):

Nesse sentido, para o professor, nem mesmo o conteúdo programático deve estar excluído do debate com o aluno, muito ao contrário. É mesmo desejável que, na medida do possível, este possa manifestar-se, fazer opções discutir encaminhamentos e, quem sabe até, metodologias e materiais didáticos. [...] Para o aluno por sua vez, aprender a negociar seus interesses no conjunto de outras preferências é uma das mais ricas conquistas da aprendizagem. Como em tudo o mais, depende muito de que o professor seja capaz de uma dedicada abertura pedagógica [...] na qual o debate sistematicamente conduzido tem lugar de destaque.

Muitos estudantes se pautam apenas na ideia que a Filosofia tão somente os ajuda a pensar, mas que não só se detém a esta questão, pois como a própria origem da palavra Filosofia já seria suficiente para explicar o porquê de estudá-la, se insere então o termo *PHILO+SOFIA*, palavra grega que significa amizade à sabedoria, enquanto que a Filosofia se compreende como sendo amiga da sabedoria.

A Filosofia é uma sistemática de pensamento que justifica-se a partir de uma forma racional e argumentativa, e não mais apelando para um tipo de justificativa sobrenatural ou mitológica. Podemos observar segundo Paul Valéry que: a Filosofia toda é como uma árvore, cujas raízes fazem à metafísica, o tronco é a física, e os galhos que saem desse tronco são todas as outras ciências que se reduzem a três principais, o saber, a medicina, a mecânica e a moral, entendendo a mais elevada e a mais perfeita moral, que pressupondo um inteiro conhecimento das outras ciências, é o último degrau da sabedoria. (DESCARTES, 1975, pp. 116-7).

Ora, como não é das raízes, nem do tronco das árvores que se colhem os frutos, mas apenas das extremidades de seus galhos, assim, a principal utilidade da Filosofia depende daquelas suas partes que só se pode aprender por último. (DESCARTES, 1973, p.245)

Conforme Valéry, os galhos são as ciências, atribuindo à biologia, sociologia, psicologia, o papel de filhas da Filosofia. E vemos, porém que em forma de pensamento a

Filosofia não sofre alterações, pois ela continua sendo uma tentativa de explicar fenômenos de formas sistemáticas, não recorre a princípios não comprováveis e não argumentativos. O que houve em termos de mudança foi evidentemente em função da especialização onde o conhecimento da Filosofia que os gregos tinham e que a chamavam de *Physis*, o que deu origem ao que hoje chamamos de ciências naturais. É claro que as ciências naturais têm recursos metodológicos e tecnológicos, com o qual obtém-se conhecimentos com muito maior precisão do que os gregos antigos tinham, mas os princípios são os mesmos: da não contradição, princípios da experimentação, princípio da dedução, da indução, ou seja, os princípios que orientam a Filosofia da ciência hoje, contemporaneamente são princípios gregos, ou pode-se dizer Aristotélicos, mesmo que eles não saibam disso, os princípios fundamentais da Filosofia da ciência foram estabelecidas por Aristóteles, e este por sua vez, por ser um homem sábio, conhecia toda Filosofia anterior a ele. Então ele sintetizou a produção anterior e acrescentou algo dele, dando então boa base para a produção científica que temos hoje.

A Filosofia se destina a todos os públicos, sendo que originalmente no contexto de seu nascimento, ela estava restrita à elite aristocrática ateniense. Mas no decorrer deste tempo, chegando à contemporaneidade, sendo introduzida no sistema educacional, ela reconheceu sua importância a todos os públicos. No entanto vale ressaltar que Sócrates, sendo um marco fundamental na cronologia da Filosofia, ele não fazia distinção de públicos, ele filosofava em praça pública, na cidade de Atenas, no século V (ac/dc), de forma dialógica, conversando com as pessoas com as quais pudesse dialogar. Sócrates é aquele que possuía a arte sutil de dialética, que este era um jogo de espírito e de finura feito de fintas e de esquivas, torneio e raciocinadores armados de argumentações estratégicas e de objeções estáticas.

Então parece que discutir questões sobre ser, essência, virtudes e ética são atinentes apenas a questões metafísicas, que não têm incidência nenhuma na realidade concreta das pessoas. Porém os estudantes se questionam o porquê de estudar Filosofia, já que ela não consegue ter uma questão prática, como por exemplo, a matemática, o indivíduo até consegue ver uma questão prática nesta, ele pode até não gostar da matemática, mas, no entanto ele consegue enxergar uma questão prática na mesma, quando, por exemplo: “Eu irei me dedicar a matemática, aprenderei a fazer contas, pois se eu for a feira e tiver que fazer um cálculo eu não serei enganado”.

Questão prática é tudo aquilo que é fácil ou imediatamente traduzível em ação, no sentido, por exemplo, de produzir sucesso ao proporcionar vantagem. (...) O home

prático é o que tem idéias práticas, que são realizáveis com facilidade ou com probabilidade de vantagem ou sucesso. (ABBAGNANO, 2007, p 921)

Então, é desta maneira que eles conseguem enxergar uma função prática na matemática, estendida também a outras disciplinas como na língua portuguesa, no momento da (re)criação de um texto, e em outras áreas curriculares a partir de uma visão social particular.

Porém, no momento que viro o olhar para a Filosofia, começo a perceber que ela não tem incidência na vida prática, pois se é notada a tão comentada questão de o não estudar ou cursar tal profissão, no tocante ao componente curricular pode-se entender então a gênese de tais preconceitos contra a Filosofia e contra os filósofos. Num âmbito geral, as pessoas enxergam o filósofo como aquele que vive no mundo das “alturas” “subjetividade”, que não é um ator social com capacidade de intervir no meio em que se está inserido.

Tornam-se cegos ao ponto de não conseguirem ou não quererem enxergar que na interpretação de uma questão física, na produção de uma redação, na interpretação do texto atinente a qualquer componente curricular, em particular português, e matemática, sempre beberá na fonte da filosofia. Aliás, quando explico uma idéia de interpretação de texto, na Filosofia isto é uma coisa muito comum, pois a Filosofia nos tira do senso comum para no levar ao senso crítico. Ela nos faz enxergar nas entrelinhas dos textos. No mais das vezes, urge lembrar a coerência textual quase sempre, exige de que eu lance mão da Filosofia. Porém, no momento em que o indivíduo tem na Filosofia um abrigo, ele não só inicia essa relação de interpretação e de prática, ele começa a refletir sobre sua vida, seus sonhos e suas ambições. Pois acredito que a proposta é pensar a Filosofia, enquanto prática de pensamento, em relação a dogmas e a quebra de paradigmas moldadas conforme a visão adquirida pela Filosofia. Notamos que através de tais argumentações que nos são impostas e muitas vezes inquestionáveis, é neste momento que temos a Filosofia como nossa amiga, que injeta em nós o desejo de ir sempre na contra mão de um sistema corrupto, alienado, repetitivo e que só nos impede de crescer, de fluir. Pautando-se de uma ideia Socrática que quanto mais eu sei, mais me encontro como não sabedor.

Fazendo com que o olhar deste estudante ou deste indivíduo possa ser estimulado e revolucionado, pela questão do pensamento, da Filosofia, incentivando o estudante e o indivíduo a entrar na sociedade com outro olhar, não apenas com um olhar de querer entrar no mundo que está aí, mas com um olhar de querer reconstruir esse mundo que está visível.

O ENSINO DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS

Podemos notar dentro e fora da escola que adotar a Filosofia, enquanto componente curricular é um grande desafio lançado aos agentes responsáveis pela disciplina de Filosofia, mas nos pautaremos neste momento sobre a questão inter escolar, e este grande desafio é a organização curricular da disciplina nas escolas. Pois, apesar de ser uma exigência a aplicabilidade da disciplina, enquanto componente curricular, as escolas ainda não estão afeitas a tal disciplina.

Enxergamos no ensino de Filosofia, por muitas vezes discutido pelos alunos a não aceitação de forma aberta, mas também não é de forma generalizada, esta não aceitação, e o problema está na forma em que se é aplicado tal ensino, pois o caminhar da Filosofia, não se trata de ensinar a história da Filosofia como ponto central, pois isto fará com que os alunos se sintam sobrecarregados, por pensar da forma que tais filósofos pensaram em anteriormente ao nosso tempo, trazendo assim sua crítica, e transformando tal ensino, num círculo vicioso, com textos cansativos, como o próprio polêmico filósofo alemão Nietzsche, ressalta qual forma seria esta apreensão acrítica da história da Filosofia, segundo ASPIS (2009, p.50):

E afinal de contas, o que importa a nossos jovens a história da filosofia? devem eles ser desencorajados a ter opiniões, diante do montão confuso de todas as que existem? Devem eles também ser ensinados a entoar cantos jubilosos pelo muito que já tão magnificamente construímos? Devem eles por ventura aprender a odiar e a desprezar a filosofia? E se ficaria quase tentado a pensar nesta última alternativa, quando se sabe como, por ocasião dos seus exames de filosofia, os estudantes têm de se martirizar, para imprimir nos seus pobres cérebros as ideias mais loucas e mais impertinentes do espírito humano junto com as mais grandiosas e difíceis de captar. A única crítica de uma filosofia que é possível e que além disso é também a única que demonstra algo, quer dizer, aquela que consiste em experimentar a possibilidade de viver de acordo com ela, esta filosofia jamais foi ensinada nas universidades: sempre se ensinou apenas a crítica das palavras pelas palavras. E agora, que se imagine uma mente juvenil, sem muita experiência de vida, em que são encerrados confusamente cinquenta sistemas reduzidos a fórmulas e cinquenta críticas destes sistemas - que desordem, que barbárie, que escárnio quando se trata da educação para a filosofia! De fato, todos concordam em dizer que não se é preparado para a filosofia, mas somente para uma prova de filosofia, cujo resultado, já se sabe, é normalmente que aquele que sai desta prova - eis que é mesmo uma provação - confessa para si com um profundo suspiro de alívio: 'Graças a Deus, não sou um filósofo, mas um cristão e um cidadão do meu país!'

No entanto, o ensino de Filosofia deve se pautar sobre o cotidiano do aluno, para que assim, ele possa refletir de forma livre e em processo sobre seu pensamento, possa haver um “círculo de pensamento”, e este possa ser assim permeado pelos conceitos trazidos pelos grandes filósofos, tendo uma aula produtiva, seguindo curso que irá fluir com o próprio

pensar do aluno. Porém, se tal ensino regredir fará com que haja essa indiferença notada cotidianamente pelas aulas de Filosofia, acelerando um desinteresse que se continuar poderá progredir facilmente para um desprezo para com a disciplina. Porém, se tem que tomar ciência de tal problema, e fazer uma abordagem da disciplina de forma dinâmica, que oportunize experiências de pensamento, tematizando, teorizando, conceituando, argumentando e problematizando.

Pois “sem problemas, não há pensamento. E se defendemos uma abordagem temática, é porque, a nosso ver, ela facilita a visualização dos problemas filosóficos, mas do que uma abordagem histórica”. (ASPIS, 2009, p.53).

O livro Ensinar Filosofia, cuja literatura direcionada para professores, retrata que lembrando Kant, o ensino de Filosofia precisa ser ativo, precisa ser processo, precisa estar para além da mera reprodução e assimilação do que pensaram os filósofos ao longo da história; por outro lado, lembrando Hegel, não é possível exercitar o ato de filosofar sem o recurso daquele que foi historicamente produzido.

Portanto, nos pautaremos de tais pensamentos, para que através destes, possamos não apenas ensinar metodologicamente, mas incentivar cada aluno a criar e a criticar seu próprio mundo, construindo assim novas fronteiras, a partir de um mundo até então desconhecido, para que sempre haja o desejo iminente da busca. Utilizar de argumentos e questões que desenvolvam com o decorrer da aula com os alunos a problematização levantada, recorrendo a vários recursos, dos quais estes auxiliarão no curso da aula, onde os alunos serão motivados pelo elemento que lhes foi dado a pensar acerca da questão, fazendo assim com que cada aluno seja instigado e ele mesmo faça seu movimento de pensamento, sua experiência de enfrentar filosoficamente um problema.

Dentro deste certame, nos indaga a questão sobre para que ensinar Filosofia? Acredito que tendo como uma das deduções, que tal ensino seja para que haja a possibilidade de os alunos experimentarem a Filosofia, tendo este experimento como a possibilidade da experiência filosófica. Ou seja, ensinar filosofia para que cada um venha a pensar filosoficamente, pensar por si mesmo.

O ENSINO DE FILOSOFIA NO LIMIAR CONTEMPORÂNEO

Os professores de filosofia estão vivendo, atualmente, no Brasil, uma situação crítica, pois após muitas manifestações e debates, a disciplina foi legislada como obrigatória e integrante dos currículos do Ensino Médio nacional, depois de sua retirada em 1971, com a reforma tecnicista.

Com a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O artigo 36 da Seção IV, Capítulo II, Título V, que expõe sobre o currículo do Ensino Médio, menciona apenas, em seu parágrafo 1º, inciso III: “os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do Ensino Médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania.” Isto quer dizer, que a filosofia, torna-se de suma importância para o desempenho intelectual do estudante, quanto à forma de absorção dos conhecimentos por métodos e caminhos ensinados pelos professores, estes que hoje, “inventam” uma prática de aprendizado que faça sentido para os alunos usarem no dia-a-dia.

Muitos programas de filosofia no Ensino Médio usam recortes de sua história, seguindo apenas a linha do tempo, limitando o ensino desta matéria, não retratando os aspectos centrais do pensamento filosófico, e os conteúdos estruturantes e específicos. A ideia é passar o conteúdo da filosofia para o aluno, de modo que ele possa se conhecer, desenvolver seu pensamento crítico e criar seus conceitos.

A disciplina de filosofia é cultural, de modo que se trabalha o processo histórico do filósofo estudado, seus pensamentos e modo de vida, tentando buscar no aluno o desenvolvimento de seu próprio pensamento.

De acordo com o PCN sobre o ensino de filosofia, sua natureza de atividade filosófica ou reflexiva é: “[...] para além do conteúdo concreto a ser ensinado, o que está em questão é, antes, a necessidade de tornar familiar ao estudante um modo de pensar [...]; a conexão interna entre conteúdo e método deve tornar-se evidente: que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico significa, ao mesmo tempo, que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo [p.50]”

Portanto, é necessário que o docente intertextualize conhecimentos empíricos pré-existentes nos alunos com os conhecimentos de natureza crítica, formando então, uma sensação, que logo gera a reflexão pautada do educando, criando então uma humanização neste indivíduo.

A BUSCA DA VERDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA

A concepção clássica da verdade

No Livro, A República, capítulo VII, Platão promove um diálogo entre os personagens Sócrates e Glauco, e ali é dada a ênfase ao processo de conhecimento, mostrando a visão de mundo do ignorante que vive de senso comum, e do filósofo em sua eterna busca pela verdade.

O mito da caverna mostra a passagem dos graus inferiores de conhecimento aos superiores. A passagem de um grau para o outro se dá muito lentamente e com grande esforço. Exige conversão, total mudança de mentalidade. Percebe-se, então, que para Platão a Filosofia não é a simples posse do saber, mas a busca, o desejo da sabedoria.

Todo ser humano busca saber a verdade das coisas. Mas, o que é a verdade? Nunes (1978, p. 81) explica que:

Existe uma concepção da verdade, conatural ao espírito humano, requerida pela nossa natureza pensante e que todos adotamos na prática por ser necessária e imprescindível para o conhecimento e para as relações humanas. Justamente por se tratar de concepção de tal quilate é que ela continua a vigorar e a impor-se, ainda hoje, ao pensador de gabinete e ao homem comum que não cuida de estudos e, assim nos parece, sempre existirá com caráter de necessidade e rigor, como uma constante da mente humana e da filosofia. Assim, a verdade consiste no acordo do pensamento com as coisas e existe no juízo ou proposição formulada por um sujeito pensante. Ela não é um ser ou uma coisa, nem conhecimento nem pessoa. A verdade é uma propriedade do juízo ou da proposição e, portanto, do conhecimento. Onde, só é conhecimento desejável e autêntico o que é verdadeiro.

Porém, é preciso esclarecer que a verdade não é conhecimento. Porque “este pode ser incompleto, relativo, transitório, ou até mesmo falso, em qualquer domínio, enquanto a verdade vem a ser uma propriedade que pode existir ou não num determinado conhecimento”(NUNES, 1978, p. 29). Desta forma, um conhecimento que se acreditava ser verdadeiro no passado, pode hoje ser considerado falso pela demonstração científica ou racional. E embora tal conhecimento tenha sido considerado certo, no passado, na verdade sempre foi falso.

A concepção moderna da verdade

Até o século XIX, a concepção clássica de verdade permaneceu sem sofrer alterações.

Desta época em diante, começaram a aparecer novos conceitos que pretendiam espalhar uma nova orientação do pensamento, conceitos estes que afirmavam que a verdade é teórica e o conhecimento do teórico inútil.

Bacon e Descartes contribuíram para essa nova concepção de verdade. Bacon acredita que o ideal do conhecimento seria esta união da teoria e da prática, da contemplação e da ação.

Mas, explica que não se deve aplicar o conhecimento para ganhar a vida, pois isso pode atrapalhar a busca e o progresso da ciência. Já Descartes afirma sua convicção de que, através do conhecimento científico, o homem dominará a natureza e a aplicação deste conhecimento lhe trará o gozo dos frutos da terra e a conservação da saúde. A ideia de utilidade está evidente em ambos os discursos.

Nunes (1978, p. 86) explica muito bem como Bacon e Descartes contribuíram para formar esta nova concepção de verdade ligada à utilidade e quais as conseqüências dessa nova concepção:

Descartes e Bacon estavam a assistir ao aparecimento da ciência experimental e aplicada, e começaram cada um a seu modo, a participar dessa constituição do departamento da ciência exata, no início da Idade Moderna. Tudo isso é compreensível e digno de nota. O que, porém, revela ser assinalado é a insistência com que num certo êxtase os epígonos do pensamento moderno insistem no conhecimento útil, e apontam o grande ideal da ciência a serviço do homem [...] O que revela ser assinalado, pois, é a insistência no aspecto utilitário do conhecimento que logo, imperceptivelmente, se vai transferir para a própria noção de verdade, de tal modo que as sementes lançadas por Bacon e Descartes irão medrar no espírito de William James e de John Dewey na concepção pragmatista: o verdadeiro é o que é útil [...] É claro que o próprio conhecimento verdadeiro é útil, enquanto meio para satisfazer a necessidade intelectual de saber experimentada pelo homem [...] não existe oposição entre conhecimento verdadeiro e conhecimento útil, pois, quando o qualificamos dessa maneira, estamos perante dois critérios distintos, de dois modos diferentes de aferimento.

Desde este tempo, a escola está sendo dominada pela ciência e o homem passou a se formar para ser útil. A mentalidade incutida nele é a de que deve dedicar o seu tempo a produzir e consumir, ser eficiente e empreendedor. Dessa forma, o homem não existirá para se auto realizar, mas existirá para a realização dos outros, pode-se dizer que se tornará o escravo ideal, e com o passar do tempo, tornar-se-á descartável também, pois nesta mentalidade, o que não é mais útil deve ser descartado (isto porque nesta concepção o verdadeiro é o que é útil).

Nunes (1978, p.85) afirma que “a ciência sem a ajuda do conhecimento teórico corre sempre o risco de tornar a pessoa cega ou inconsciente para o ambiente que a cerca e envolve”.

Entende-se então que o professor de Filosofia deve ser muito prudente, pois ele é o mediador entre o conhecimento e o aluno. Assim, deve explicar ao aluno sobre os benefícios que a ciência pode trazer ao homem. Mas, mais do que isto, deve levar o aluno a sondar os princípios de todo tipo de conhecimento e buscar a verdade sobre eles. “É iluminado pela verdade, aos poucos conquistada, que o ser humano vai se equipando com a faculdade de discernir, avaliar e escolher, de ponderar e decidir”.

PRÁTICAS DE ENSINO: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA NA ESCOLA.

Ensinar Filosofia, no atual contexto do ensino brasileiro, constitui-se numa tarefa com um certo grau de pioneirismo, haja vista que após longo período, longe da grade curricular da educação no país, a disciplina retorna hoje num cenário desprovido de parâmetros totalmente definidos e dependendo da criatividade e da persistência da classe educadora.

A Filosofia tem nesse contexto, o objetivo de desenvolver o pensamento crítico do cidadão, situá-lo dentro da sociedade e proporcionar-lhe uma nova visão de vida, além de desenvolver sua capacidade de argumentação e formação de conceitos. Para isso, o professor precisa adquirir habilidades e competências específicas necessárias para o bom desempenho de sua missão.

O desenvolvimento do ensino de Filosofia, no Ensino Médio, tem o propósito de despertar, no aluno, o interesse de se criar o hábito de pensar filosoficamente, reaprender a forma de ver o mundo, levantar as questões fundamentais que o cercam e estimulá-lo a sair do senso comum para se ter uma visão mais racional sobre tudocontudo, para isso acontecer será necessário orientá-lo através da sensibilização, passando pela problematização, a seguir pela investigação e enfim pela conceituação, resultando na experiência fundamental do pensamento e permitindo assim a equação de um determinado problema. Levantar um problema existente deve ser uma preocupação constante do professor, no sentido de despertar a consciência do aluno quanto às questões que afetam sua vida de uma forma ou de outra, sem a preocupação de responder tais questões, mas sim de encaminhá-lo no sentido de dissolvê-las e encontrar um sentido para isso. Dessa maneira, estaremos formando pessoas capazes de refletir sobre o (con)texto que o cerca e tomar decisões mais seguras e construtivas.

Nesse processo, proporcionar-se-á a detecção dos pressupostos de uma boa argumentação, oferecer-se-á a oportunidade de reconstruir os argumentos apresentados nos textos estudados, permitirá confrontar teses filosóficas e estimulará a construção de juízos de valores, inserindo o indivíduo de forma mais legítima dentro da sociedade.

Certamente, a missão que nos aguarda nessa "aventura" dentro dos limites do ensino da Filosofia, exigirá um esforço criativo do professor, quanto a sua capacidade de improvisação e de adequação aos recursos encontrados, do perfil de cada turma, da realidade de cada comunidade, e isto fará com que seja improvável sonhar com uma aula pré concebida, pois as circunstâncias conduzirão cada tema por caminhos pertinentes a esses fatores; o importante é se ter em mente que se buscará formar um discurso que permita julgar, criticar e manifestar o pensamento do aluno a respeito de sua cidadania.

Seguramente, há uma longa jornada pela frente do sistema de ensino brasileiro quanto à reintrodução dessa disciplina na grade curricular, porém não se deve perder de vista a importância dessa implementação como fator de mudança da realidade do país, do desenvolvimento da sociedade e da construção de um projeto de vida mais racional e justo para todos os brasileiros, passo fundamental para se promover o progresso, a cultura e resgatar a dignidade de todos os cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da filosofia como disciplina no Ensino Médio compreende a necessidade da formação crítica e autônoma do cidadão, no final da educação básica, pois esse saber fornece condições para o pensar e o agir através da ação reflexiva, respondendo e indagando às sociedades contemporâneas . Todavia, firma o processo democrático, no Brasil, através da construção da educação emancipadora. Logo, o estudo da filosofia não pode ser entendido como mais uma disciplina que compõe o currículo, mas como uma área do conhecimento que traduz o desenvolvimento da humanidade desde seus primórdios.

O artigo buscou versar sobre a importância da Filosofia, assim como, buscou discutir e sugerir uma concepção pedagógica fundamentada na interdisciplinaridade capaz de interagir com as mais diversas áreas do conhecimento nos mais variados graus de complexidade

Nessa discussão ficou evidente que é fundamental pensar em professores especializados na área de filosofia para ministrar e mediar as aulas e projetos , assim como,

em ações que valorizem e ampliem a ação interdisciplinar na expectativa de formar números maiores de sujeitos autônomos, ou seja, os educandos possam compreender e transformar a realidade vivida.

Desta forma, a filosofia deve permear o currículo do Ensino Médio, propondo uma reflexão sobre o conhecimento construído e sugerindo o processo dialógico como meio de intervenção nos conflitos contemporâneos. Pois seu papel possui uma função epistemológica na formação do estudante a fim evitar discursos sem fundamentação crítica e social. Para que se possa entender e fundamentar.

Porém, deduzimos que o Ensino de Filosofia faz-se necessário e importante para que o indivíduo que esteja na Escola Média seja humanizado, não submetido a valores dogmáticos e catequéticos, como por muito tempo se viu na escola, a qual já se era repugnado no Manifesto dos Pioneiros da Educação, no qual se previa um ensino laico, valorizando e ressaltando os valores críticos do aluno formado através de uma transformação do senso comum ao senso crítico-filosófico.

Então, demonstramos através de legados em documentos como LDB, e PCN (Filosofia), e pesquisadores renomados, o papel fundamental da disciplina de Filosofia, como fator primordial para que haja uma escola onde aconteça os espaços atuais como: discussão crítica, debates, e lutas por direitos iguais para um mundo melhor, conforme os desafios educacionais, sociais e culturais.

ABSTRACT

The results search imediatistas does not allow the space necessary in order that it there thinks critic able to promote basic competences destined to the construction of the autonomy of educating, by means of his social, education and professional relations. Nevertheless, with the return of the teaching of the Philosophy in Brazil, initially, like cross subject pointed in the Parameters Curriculares Nacionais in 1999 and from 2009, with the alteration of the Law of Directives and Bases of the Education – LDB, Law n. 9.394/95, becomes the philosophy a compulsory discipline in the curriculum of the secondary education in the whole country, so, the responsibility of the educators to apply it in significant way, in the process of teaching and apprenticeship. The presence and applicability of this new discipline to the school curriculum, in the secondary education, must express a critical autonomy from his contents and not make it a mere activities reproducer. Before that, this article presents the next central problem of discussion: as will it insert the teaching of the philosophy in a proposal of critical education that articulates the contents of the secondary education in spite of the fact that you know them philosophical inside a dialectic perspective and dialogical what contributes to a social transformation? The general objective of this study is to present a conception of teaching of Philosophy that associates the contents of the secondary education to philosophical critical reflection, so much in the school how much out of her. The specific objectives are: to realize the pedagogic conceptions that orientate the teaching of the philosophy, when respect of the question of you was demonstrated from several conceitosa to teach Philosophy and his importance, like tool able of the pupils to become mature in the service of his social and professional familiarity. The used methodology gave itself in lathe deum study exploratory descriptively, of qualitative nature that used the bibliographical inquiry as fountain of data. The present study ends that the teaching of the philosophy is characterized like a necessary element able of too many areas of the knowledge provide an inter-relation with.

Keywords: Philosophy. Social transformation. Secondary education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**/Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ASPIS, Renata Lima. GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. –São Paulo: Atta mídia e educação, 2009. P.48-67.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 1996, p. 346.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CERLETTI, Alejandro Ariel. O ensino filosófico e a reflexão sobre o presente. In: Kohan, W.O.; Leal, B. (Org.). **Filosofia para Crianças**. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 149-157.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

DESCARTES, René. **Discurso do Método e outros textos escolhidos**. 1.ed . Victor Civita (Ed). São Paulo: Abril S. A., 1973. (Os Pensadores).

JAEGER, Werner. **Paidéia**: A Formação do homem Grego. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **A Ideia de Verdade e a Educação**. São Paulo: Convívio, 1978.

PERRENOUD, Phillipe; THURLER, Monica Gather; MACEDO, Lino de; MACHADO, Nilso José; ALLESSANDRINI, Cristina Dias (organizadores) **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e os desafios da avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora 2008.

VALERY, Paul. **O Pensamento Vivo de Descartes**. Tradução de Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975